

# PATRÕES E CATIVOS: RELAÇÕES DE TRABALHO E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA NOS SERINGAIS DO ALTO SOLIMÕES, AMAZONAS

## *MASTERS AND SLAVES: WORK RELATIONSHIPS AND STRATEGIES OF RESISTANCE IN THE RUBBER PLANTATIONS OF THE UPPER SOLIMÕES RIVER, AMAZONAS*

**Edna F. Alencar**

*ealencar@ufpa.br*

*Doutora em Antropologia (PPGAS-UNB)*

*Professora Associada III da Universidade Federal do Pará (PPGA e PPGSA)*

### RESUMO

O artigo analisa as relações de trabalho e formas de resistência nos seringais da região do Alto Solimões, Amazonas, a partir das narrativas de pessoas que residem nessa região. O objetivo é compreender como os sujeitos administram os “espólios de memórias” para compor uma narrativa sobre o passado onde se destacam os seringalistas, agentes da modernidade e da violência; e os seringueiros situados nos estratos mais baixos da hierarquia social, trabalhando na condição de cativos. A análise evidencia como sujeitos situados em diferentes posições da estrutura social percebem e examinam os fatos do passado. Os ex-seringueiros denunciam a violência perpetrada pelos patrões que marcou o trabalho e a vida na sociedade do seringal, as resistências cotidianas e silenciosas a essa dominação. Os herdeiros dos seringalistas valorizam seu papel como agentes do desenvolvimento econômico e social. Conclui-se mostrando que as estratégias de resistência adotadas pelos seringueiros para realizar o projeto familiar fundavam-se na sabotagem, ao adicionar impurezas à borracha ou vender parte da produção para comerciantes concorrentes dos seringalistas, os regatões, que lhes forneciam as condições para resistir ao domínio dos patrões.

**Palavras-chave:** Amazônia. História Social. Extrativismo. Seringueiros. Relações de trabalho.

### ABSTRACT

The article analyzes the relationship of work and forms of resistance in the rubber extraction in the high Solimões river, Amazonas, from the narratives of people who live in this region. The goal is to understand how the subjects manage the “spoils of memories” to compose a narrative about the past which highlights the owners of rubber plants, like agents of modernity and violence; and the rubber tappers located in the lower strata of the social hierarchy, working in captive condition. The analysis shows now some subjects placed in different positions of the social structure perceive and examine the facts

of the past. The former rubber tappers denounce violence perpetrated by employers that marked the work and life in the plantation society, the daily and silent resistance to this domination. The heirs of seringalistas, tappers, value their role as agents of social and economic development. It concludes showing that resistance strategies adopted by rubber tappers to make their family project was based on sabotage, selling part of production to competing traders of rubber tappers, the regatões, which provide them with the conditions to resist the rule of the patrões, their bosses.

**Keywords:** Amazon. Social history. Extrativism. Tappers. Work Relationships.

## INTRODUÇÃO

O sistema de produção econômica baseado no extrativismo de recursos naturais tem sido uma das referências para caracterizar a história econômica, social e cultural da região Amazônica brasileira desde o período colonial. Entre o final do século XIX e início do século XX a exploração intensiva da borracha vegetal como principal produto de exportação contribuiu para consolidar um sistema de produção econômica nessa região que tem se caracterizado a partir do modo como foram instituídas as relações sociais e de trabalho que envolveu diferentes agentes de um sistema hierárquico, marcadas pela competição, conflitos, dependência e dominação. Vários estudos desenvolvidos sobre esse tema destacam fatos, eventos e personagens que dominavam o cenário social, político e econômico desse momento, e contribuíram para a construção de uma “história geral” da borracha na Amazônia referida como “o tempo dos seringais” ou “época da borracha”<sup>1</sup>.

No início do século XX, o engenheiro e escritor Euclides da Cunha (1999) publicou uma obra que contribuiu para fixar uma visão sobre a história da borracha na Amazônia, ao descrever os aspectos sociais, culturais e econômicos dos seringais da região do Vale do Alto Rio Purus, atual Acre. A exploração comercial da borracha configurou um sistema mercantil denominado de “sistema de aviamento”, que consistia na concessão de crédito onde não havia a circulação de moedas, cujos agentes principais eram os seringalistas<sup>2</sup> e os seringueiros<sup>3</sup>. Os comerciantes (credores) pagavam antecipadamente a produção dos extratores de seringa (os “fregueses”) na forma de mercadorias e insumos. Estes, por sua vez, na condição de devedores, deveriam pagar a dívida com produtos extrativos, conformando assim uma relação de trabalho altamente hierárquica marcada pela dependência.

A descrição das relações de trabalho dos seringais do vale do Purus realizada Cunha destaca a exploração, a sujeição e a violência que permeavam essas relações, e aponta as dificuldades que os seringueiros, migrantes de origem nordestina, encontravam para se adaptar a um ambiente hostil. Sua abordagem positivista, apoiada em um viés determinista baseado na raça e no meio, procura mostrar que a equação entre ambiente hostil e adverso, e uma raça imprevidente, não favorecia o desenvolvimento da civilização. Retrata a Amazônia como uma terra *sem* história, pois ainda não havia alcançado o estágio último que a humanidade deveria atingir em sua trajetória histórica; e demonstra seu desencantamento com uma sociedade “obscura e abandonada”, desprovida de tradições, onde “predomina a falta de esperança e de perspectivas com o futuro” (CUNHA, 1999 p. 10-17).

A leitura que Euclides da Cunha faz dessa sociedade tende a enfatizar a submissão, a subserviência e a escravidão dos seringueiros, ao mesmo tempo em que lhes retira a agência, a capacidade de resistir ao domínio dos patrões. Os seringalistas são descritos como um “tipo opulento” que comanda “a mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desacomodado

egoísmo” (CUNHA, 1999 p. 10-17), impondo aos seringueiros um contrato de trabalho com regras duras que, ao serem descumpridas, resultavam em pesadas multas ou até morte. O seringueiro é descrito como “um homem apático, solitário, imprevidente” e “que trabalha para escravizar-se” e que está preso a um sistema econômico marcado pela violência da exploração da sua força de trabalho. Mesmo quando salda suas dívidas, não consegue fugir do domínio do patrão, pois desconhece a região e também porque não encontrará trabalho em outro seringal, uma vez que “há entre os patrões acordo de não aceitarem uns os empregados de outros antes de saldadas as dívidas”<sup>4</sup>.

Na segunda metade do século XX, vários estudos buscam destacar outros aspectos da vida social e das relações de trabalho nos seringais de várias regiões da Amazônia<sup>5</sup> e contribuem para uma revisão desse sujeito histórico ao apontar a existência de formas de resistência dos seringueiros a esse sistema, como os realizados por Mauro Almeida (1990) e Mariana P. Franco (2008) que elaboram críticas às descrições superficiais que foram realizadas sobre a sociedade seringalista. Para Mariana Franco (2008) as abordagens de Euclides da Cunha, geralmente baseadas em relatos secundários, contribuíram para reforçar a invisibilidade social e histórica dos seringueiros ao enfatizar sua condição de submissão ao sistema vigente. Para contrapor essa visão, ela destaca algumas obras escritas no início do século XX que mencionam a existência de “protestos e resistências por parte dos seringueiros ao regime de seringais” e uma mobilização contra o controle de terras exercido pelos seringalistas<sup>6</sup>.

Franco utiliza uma abordagem etno-histórica e antropológica para contrapor-se a essa “história geral” dos seringais da Amazônia, ao analisar a vida nos seringais da região do Alto Juruá, estado do Acre, a partir de relatos dos membros de uma família de seringueiros, Os Miltons, e em observações etnográficas feitas quando atuou como consultora de projetos de extensão junto aos seringueiros dessa região. As narrativas dos Miltons sobre suas trajetórias de vida permitem elaborar um relato vivo do sistema do seringal, e apresentar outra versão da história dessa região que destaca os confrontos entre seringueiros e seringalistas, a luta pela terra e o processo de construção de uma identidade social e política.

A partir do exposto, o presente artigo visa contribuir com esse projeto de repensar a história da situação social e das relações de trabalho que caracterizaram a indústria extrativa da borracha, ou o sistema do seringal, ao tomar como objeto de análise as percepções de diferentes sujeitos sobre as relações de trabalho em antigos seringais do município de São Paulo de Olivença, região do Alto Solimões<sup>7</sup>, estado do Amazonas. A análise é desenvolvida com base nas narrativas orais<sup>8</sup> de descendentes dos principais agentes desse sistema, seringueiros e seringalistas (os patrões), cujas versões contribuem para ampliar o entendimento sobre a situação social e histórica<sup>9</sup> dos seringais da Amazônia, onde predominavam relações de trabalho permeadas pela competição e conflito, e ancoradas no uso da violência instituída pelo poder político dos seringalistas. Os relatos de ex-seringueiros ou de seus descendentes, contribuem para desconstruir versões oficiais ou uma “história geral” sobre “o tempo do seringal” ao descrever as condições de trabalho como de semiescravidão, e também as estratégias utilizadas para resistir ao domínio dos seringalistas. As narrativas dos descendentes de seringalistas retratam os seringalistas como agentes da modernidade, que levaram o progresso e o desenvolvimento para os rincões da Amazônia, enquanto omitem as condições sob as quais o trabalho era realizado.

Os narradores, testemunhos de encontros etnográficos (STRATHERN, 2014) revelam os marcadores espaço-temporais utilizados para recuperar memórias, descrever e interpretar as condições de vida e de trabalho nos seringais dessa região. Segundo Bourdieu (2002), os homens percebem suas práticas de

formas diferentes, devido às diferentes posições sociais e políticas que ocupam dentro de uma estrutura social.

O recorte temporal das memórias recuperadas nas narrativas remete à primeira metade do século XX quando os seringalistas passam a utilizar a mão-de-obra de origem nordestina<sup>10</sup>. A análise destaca estratégias de resistência dos seringueiros ao domínio dos seringalistas, para isso busca-se apoio nas ideias de J. Scott (2002) em sua análise sobre as “formas cotidianas de resistência camponesa”<sup>11</sup>. Para garantir sua sobrevivência, os seringueiros usam a sabotagem como estratégia e estimulam a competição entre seringalistas (patrões) e regatões<sup>12</sup> ao venderem para os últimos a borracha destinada a saldar as dívidas com os primeiros. Dessa forma, os regatões fornecem as condições para que os seringueiros resistam ao domínio econômico dos seringalistas. Contudo, trata-se de uma resistência individual<sup>13</sup> e passiva, que não tem como objetivo ganhar uma batalha, ou promover uma transformação nas relações de trabalho. É uma resistência que visa garantir sua sobrevivência dentro de um sistema social e econômico opressivo que é o seringal. Somente nos anos 1980 é que os seringueiros se organizam num movimento de resistência coletiva à expropriação de suas terras e em defesa dos seringais, e realizar uma “reforma agrária dos seringueiros”<sup>14</sup>.

As narrativas reproduzem experiências vividas ou partilhadas, configuradas em eventos etnográficos, e expressam o modo como os diferentes sujeitos - situados em posições distintas, num certo contexto social e numa situação histórica - selecionam e interpretam os eventos e fatos utilizados como marcadores de sua história de vida. São fragmentos ou “espólios da memória” (LOWENTHAL, 1998) que desvelam as relações sociais e condições de trabalho no seringal, conflitos, estratégias de resistência e de enfrentamentos silenciosos. São relatos, em primeira mão, das experiências de quem vivenciou os fatos, “evidências orais” e “versões ainda não documentadas de forma escrita” (THOMSON, 2002, p. 343) sobre um momento da história dos seringais do Alto Solimões. Como documentos etnográficos elas colaboram para a constituição de saberes antropológicos sobre o passado, além de permitir elaborar uma reflexão sobre questões do presente. Como documentos orais, recuperam histórias não conhecidas, e reconstróem a realidade ao mesmo tempo em que permitem a construção do conhecimento histórico. (THOMSON, et al. 1996).

Nesse trabalho da memória, enquanto um tipo de “reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (THOMSON, et al. 1996, p. 71), fica evidente o processo de selecionar fatos e eventos que se apresentam como relevantes no presente. É uma memória composta por camadas, formada de lembranças e esquecimentos, que entrelaça tempos e espacialidades diversas; na qual a distância temporal que separa os narradores do presente, dos personagens que protagonizaram os fatos que ocorreram no passado não ameniza a força e a atualidade dos seus relatos<sup>15</sup>. A relação entre passado e presente aparece de forma clara, como propõe Halbwachs (1990), mas “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994, p. 224).

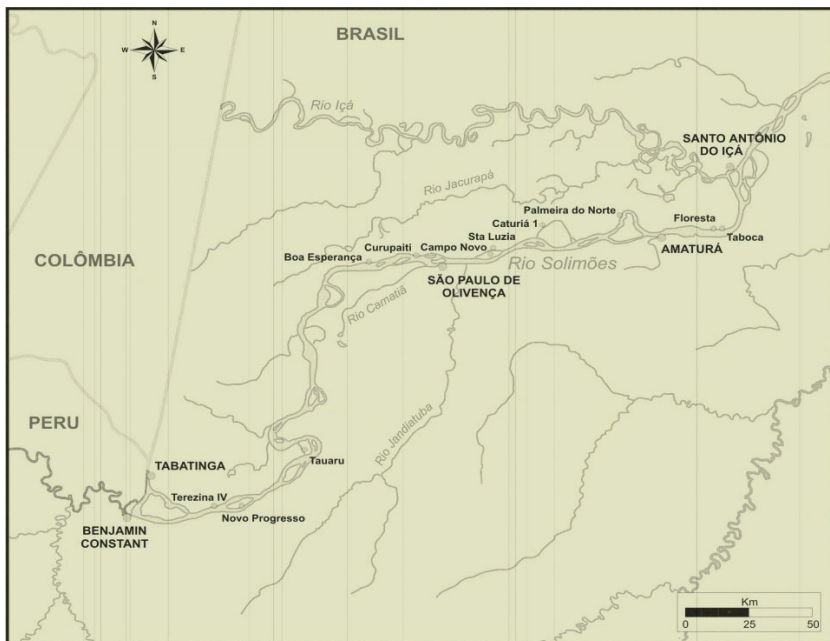
Como produtores de lembranças (CUNHA, 2004), os relatos são discursos sobre o passado que tornam possível o acesso a outras memórias e reinscrevem eventos, pessoas e lugares em outra cartografia. Dessa forma, contribuem para contrapor as versões já consagradas e autorizadas, como aquela apresentada por Euclides da Cunha e historiadores oficiais. Aqui, não se trata de uma memória que é partilhada e que reforça a coesão social, como aponta Halbwachs ao falar das funções positivas que a memória desempenha. Os narradores, posicionados em diferentes lugares da hierarquia social, recuperam

lembranças que compõem suas memórias que reforçam as diferenças. Logo, elas reforçam uma adesão afetiva ao grupo ao qual cada um deles pertence no presente, e no passado, formando o que Halbwachs (1990) chama de “comunidade afetiva”.

## “ERA ASSIM QUE ERA ANTES”: AS LEMBRANÇAS DO *TEMPO DO CATIVEIRO*

A exploração da borracha vegetal que ocorreu na região do Alto Solimões entre as últimas décadas do século XIX e primeiras décadas do século XX promoveu um novo processo de ocupação humana dessa região ao estimular a imigração de milhares de nordestinos para trabalhar na extração gomífera em terras onde havia grande concentração de seringueiras (*Hevea brasiliensis*) e sorveiras (*Sorbus domestica L.*) nativas que hoje compreende os municípios de São Paulo de Olivença e Amaturá. O acesso aos seringais era realizado pelos rios Solimões e Içá ou afluentes como o Jandiatuba, o Pureté, o Camatiã e os igarapés Belém, Tacana, Jacurapá, Pureté e São Jerônimo, como mostra Alencar (2005). Esses cursos de água formavam juntos uma intrincada malha fluvial que permitia o acesso por via fluvial aos seringais e a um amplo território, onde muitas famílias realizavam uma mobilidade constante em busca de produtos extrativos.

Imagem 01 – Mapa do Alto Solimões



Fonte: ProVárzea/IBAMA 2005.

Algumas famílias controlavam vastas extensões de terras ricas em seringueiras, e seus membros formavam a elite da sociedade regional com grande poder político, econômico e articulação com o governo central do Amazonas, destacando-se como administradores regionais ao ocuparem cargos públicos no poder executivo e legislativo do município de São Paulo de Olivença (ALENCAR, 2005)<sup>16</sup>. Dentre as famílias, destacam-se a família Mafra, cuja sede do seringal estava situada no Porto Mafra<sup>17</sup>; a família Müller, cuja sede estava situada em Santa Rita do Weil; a família Ayres de Almeida, Castelo Branco, Ramos, Seabra, Uchôa, Balieiro; além de Oliveira Filho (1979) e Alencar (2005), que possuíam seringais de menor importância do ponto de

vista econômico e de poder político. Nos anos 1980, parte das terras desses antigos seringais foi desapropriada para a criação das Terras Indígenas Évora I e Évora II<sup>18</sup>.

A sede dos seringais era onde estava o barracão usado para armazenar mercadorias e os produtos extrativos. Era geralmente construído em locais estratégicos como às margens do rio Solimões ou próximo à entrada de igarapés, que eram as principais vias de acesso às terras onde estavam as seringueiras. A partir dos barracões os patrões e seus empregados podiam controlar o acesso aos seringais, uma estratégia utilizada pelos patrões em todas as áreas onde existiu o trabalho de extração da borracha no Alto Solimões para controlar a entrada e saída de pessoas, evitar a fuga de trabalhadores e o contrabando da produção pelos regatões<sup>19</sup>. Alguns lugares onde estavam localizadas as sedes dos principais seringais são hoje importantes povoados dessa região, tais como Vendaval (antigo Porto Mafra), Santa Rita do Weil, e Belém do Solimões.

A produção era a seringa, a borracha e o peixe, mas era tudo muito difícil e quando faltava a mercadoria a gente tinha que sair pra ir atrás lá em São Paulo de Olivença. Era muito difícil porque a gente ia a remo até Santa Rita do Weil, e de lá pra São Paulo. Não dava vontade nem de sair do Curupaity que na época era comunidade indígena. E nessa época a comunidade de Santa Rita já era um lugar grande, já existia até Prefeito na época, que era o patrão forte de lá, era o Mariano Müller, era a família dos Müller, tinha o Reginaldo Müller. Era a propriedade deles. Aí tudo era deles, o seringal. A produção que nós tirava no Jacurapá levava lá pra Santa Rita porque ficava mais próximo de Santa Rita do que de São Paulo. Hoje em dia não, hoje a gente vai pra São Paulo. (Sr. C., São Paulo de Olivença).

Os seringueiros eram recrutados nas cidades de Manaus, Tefé ou São Paulo de Olivença, e nas aldeias vizinhas, e conduzidos para realizar o trabalho nos seringais no período da safara dos produtos. Nos seringais eles construíam acampamentos, as colocações<sup>20</sup>, para servir de abrigo e armazenar a produção. No início da safra, eles adquiriam mercadorias nos barracões, tais como as tigelas usadas para coletar o leite da seringa, munição para suas armas, produtos alimentícios e também os mantimentos para sua família. Ao final da safra, eles deveriam pagar a dívida com o patrão usando como moeda o próprio produto extrativo. O valor do produto extraído era estabelecido pelo patrão, e os seringueiros raramente tinham saldo positivo. Dessa forma, ficavam presos financeiramente aos seringalistas, sendo obrigados a vender toda a produção para aquele que financiava sua permanência na floresta. Esse sistema mercantil de antecipação da dívida ficou conhecido como “sistema de aviamento” onde os seringueiros contraíam dívidas antes mesmo de começarem a trabalhar<sup>21</sup>. Visando maximizar a produção os seringueiros, eram proibidos pelos seringalistas de cultivar roças e pescar, o que os tornava totalmente dependentes do barracão para adquirir alimentos, uma prática que era recorrente nos vários seringais da Amazônia. Os extratores, contudo, recorriam a várias estratégias para burlar as regras dos seringalistas e ter certa autonomia no suprimento de alimentos, como o cultivo de pequenas roças de mandioca<sup>22</sup>, a caça de animais para vender a pele ou a extração de lenha para alimentar as caldeiras dos navios movidos a vapor. Ao longo do Rio Solimões existiam vários portos onde os navios faziam escala para comprar lenha.

O patrão que nós trabalhava era o Nélio Gama. Ele era aí do Santo Antônio do Içá. Eu não cortei muitos anos, cortei 13 anos só de seringa. O meu pai cortou mais. Essa produção foi entre 74 ou 75, que terminou porque não compraram mais, porque acabou o contrato de tirar seringa pra cá. Aí o patrão também não andava mais pra cá. Aí nós fomos fazer roça né, que já não tinha mais nada. Fazia farinha e vendia, e muita.

Quer dizer que naquele tempo, era mais porque tinha muito seringueiro e eles não plantavam aí o patrão comprava a farinha e levava pra vender pro pessoal. Levava pro Javari também. A gente torrava até de noite lá na terra firme. Vendia lenha também pra esses barcos grandes, navio de lenha peruano que iam até no Pará. Era o Áurea e o Moreira. Tinha o Inca e mais outro que eu não sei como era o nome dele, que tinha duas chaminés. E tinha mais outro que era uma *barcona* que andava, de roda na popa. Era [movida] a lenha também. E tinha o Ajudante também, era do Pará esse Ajudante. Eles paravam pra pegar lenha. Eles pegavam grande quantidade de lenha. (Sr. A., Amaturá)<sup>23</sup>.

Eu trabalhei um tempo aqui no Jacurapá *cortando* seringa, pra sustentar minha família. A mulher ficava aqui trabalhando na roça e eu ia sozinho pra lá... Aí eu trazia o produto pra cá e vendia pro Antônio Ramos (de São Paulo de Olivença), era borracha e *couro*. O couro naquele tempo dava muito, era onça, maracajá, caititú, queixado, veado. Vendia pra poder sustentar minha família. Quando acabou a seringa, depois que acabou essa produção, aí o pessoal foi pra pesca... (Sr. T., São Paulo de Olivença).

A produção extraída anualmente dos seringais do Alto Solimões era estimada em milhares de toneladas (OLIVEIRA FILHO, 1979). Cada seringueiro tinha que produzir certa quantia de borracha para saldar suas dívidas, e evitar iniciar a próxima safra com saldo devedor. Como vimos antes, essa produção muitas vezes era alcançada com o trabalho dos filhos ainda jovens, com idade de 12 anos, e pelo controle do tempo dos trabalhadores impedidos de realizar atividades autônomas, principalmente aquelas voltadas para a provisão de alimentos<sup>24</sup>.

O forte controle exercido sobre a força de trabalho para maximizar a produção contava com o apoio dos demais seringalistas e do poder público regional e estadual, como destacaram alguns autores<sup>25</sup>. Esse controle rigoroso sobre os seringueiros forneceu os principais elementos das representações que se construiu sobre as relações sociais e de trabalho nos seringais do Alto Solimões e de outros países da bacia Amazônica, como destaca Taussig (1993)<sup>26</sup>. Os excessos cometidos pelos seringalistas considerados “brabos” ou tiranos, alimentaram um imaginário sobre o tempo dos seringais marcado pelo terror que povoam as memórias de ex-seringueiros de várias regiões da Amazônia<sup>27</sup>.

Tinha um patrão, desses Mafra que ficava aqui numa região aí, que pra não pagar a conta mandava o freguês atrepar no açazeiro. Aí que quando chegava lá no açazeiro, ele perguntava “Tu quer descer?”. O homem respondia “Eu quero!”. E ele “Pôôôôuuu!!!” (atirava e matava o homem). Ele era da família Mafra. Os ticunas, ele matou muito, muito mesmo! Quando os trabalhadores dele tinham um bom saldo, ele dizia “Você quer receber seu saldo?”. Aí a pessoa, inocente, dizia “Eu quero”. Então ele dizia “Amarra ele!”. Aí amarravam com cabo, com a mão pra trás e “Pôôôôuuu!!!” (matava). Quando não era com revólver, era com um rifle. Aí matava o homem do saldo e jogava ele no rio, pros animais comer. E aí acabava com o saldo, ficava o saldo tudo pro patrão. A gente ouvia essas histórias tudo aí, e era verdade. Era real mesmo. E o pessoal ficava com medo. Tudo aquilo que a senhora sabe como é, lá pra cima, Belém do Solimões, Vendaval, por aí tudo os trabalhador era morto pelos patrão. Agora eu mesmo não vi, agora era notícia que eles contavam e a gente sabia, né... “Fulano matou”. Porque aí tinha que ser castigado pelo patrão. Mas graças a Deus, por aqui não houve isso não. Era só essas famílias é que eram assim, eram os Mafras é que eram ruim; e outra família que era dona de Belém, que era assim também. Não tô me lembrando como era o nome dele, é esse Romualdo. Matou muitos ticunas, muito, muito mesmo! Porque eram eles que

mandavam. Se você plantasse a roça e vendesse fora, um paneiro de farinha que você vendia, se acabava em morte. Tinha que trazer o produto só pra ele. E era assim que era. E hoje não, graças a Deus que não é mais assim. Hoje em dia já é assim o patrão que já tem medo da freguesia; hoje ele tem medo porque se ele brigar com a freguesia... E naquele tempo não, se matasse ele quebrava um galho com o delegado, e o delegado não fazia nada. Porque vinha a intimação, mas não resolvia nada porque o delegado era comprado pelos patrões. E isso acontecia tanto com tucunas quanto com os civilizados que trabalhava pra ele. Eram do mesmo jeito. Era a mesma coisa, eles tratava do mesmo jeito. Fazia isso com todos. E hoje não, está liberto, tanto faz as freguesias como faz o patrão, pois eles já entenderam mais ou menos a situação do pobre. Por exemplo, se eu chego e digo: “- Dona, eu não tenho com o que lhe pagar hoje. Esse mês vou só lhe dar uma entrada na *minha conta*”. A senhora fica até satisfeita. Mas antes não, se não trouxesse o dinheiro tinha que ser morto. Tinha que trazer o produto senão, morre! Naquele tempo a gente não pegava em dinheiro. Não senhora, não existia dinheiro. A gente não via dinheiro não. (Sr. A., São Paulo).

Nesse sistema comercial conhecido como aviamento<sup>28</sup>, o seringalista lucrava com a venda da mercadoria e com a compra do produto, pois na hora de pesar as bolas de borracha<sup>29</sup>, o pêndulo da balança nunca era favorável ao seringueiro. Mas, proporcional ao controle que o seringalista exercia sobre os seringueiros, e sobre todo o processo produtivo, existiam também várias estratégias desenvolvidas por eles para resistir ao poder estabelecido a partir do barracão. Uma delas consistia em adicionar impurezas ao látex, como bolas de barro, para aumentar o peso e, assim, compensar a adulteração das balanças que sempre favorecia aos patrões; ou entregar a borracha ainda molhada.

Por isso que o pobre nunca pode ir pra frente. Desde quando eu me entendi, já existia isso. No tempo que trabalhava com a seringa, era assim o sistema, numa borracha que dava 50 quilos, tiravam cinco e só pagavam 45 quilos. Cinco quilos já tinham tirado. Eles faziam isso, tiravam os nacos da borracha. Porque a borracha meio seca não *quebra [perde peso]* muito não. Então o negócio era levar ainda meio molhada, porque levando seca era prejuízo. Nós fazia assim, era o jeito. O que eu ganho é natural, mas não roubado. Eles faziam borrachinha, bola pequena de borracha e traziam pra poder vender por fora. Hoje em dia não existe mais cativeiro não, já acabou esse negócio de cativeiro que tinha que comprar só dele (patrão). O cortador de seringa era *cativo*, vivia só pra ele, pro patrão. (Sr. J. J., Tabatinga).

Outra estratégia para burlar a vigilância e obter bens de consumo mais baratos era vender parte da produção aos comerciantes menores, os regatões<sup>30</sup>, geralmente um concorrente do seringalista ao qual estavam subordinados. Os regatões mantinham um comércio ativo na região, vendendo mercadorias a preços mais baixos do que os praticados pelos seringalistas nos barracões. Vendiam mercadorias e recebiam produtos extrativos como pagamento, numa clara concorrência com os seringalistas. Desempenharam um papel importante na economia do seringal por possibilitar aos seringueiros quitar dívidas e fugir do cativeiro dos seringalistas. Com essa prática, os seringueiros reforçavam as disputas entre os patrões e os regatões. Mas esse comércio que ocorria às escondidas envolvia grandes riscos para os seringueiros e para os próprios regatões, devido aos métodos violentos utilizados pelos patrões para punir os transgressores.

O trabalho era só na seringa, não tinha tempo de fazer roça. E tinha que comer só com a mercadoria da venda da seringa. E quando faltava, às vezes a gente chegava a vender o *sarnambi*. Tinha que fazer duas bolinhas de *sarnambi* que era para o patrão não desconfiar, e a gente dizia



‘Bem, essa eu vou esconder’. E mostrava só a bola de borracha, e o *sarnambi* escondia. Quando o patrão vinha ele dizia “Tá certo, tá bom”. E a gente tinha que esconder uma bola que era pra gente comprar outro alimento que ele não trazia. Ele desconfiava e botava um vigia dele, e quando esse vigia tava lá pra cima, a gente já vendia esse *sarnambi* que tava escondido. Tudo isso pra poder manter a nossa necessidade no seringal. E isso os outros também faziam. Todos faziam do mesmo jeito! (Sr. A., São Paulo de Olivença)

Com 12 anos comecei a cortar seringa, e passei dois anos cortando a seringa. O primeiro ano que eu cortei, trabalhei com o finado Frederico Ramos no seringal Redenção. Essa época foi no tempo de 1944, no tempo que se alistamos como *soldado da borracha* né [...] Então dona, era muito precário de nós ganhar o nosso dinheiro porque era *cativado* pro patrão. O seringueiro era *cativo*. E ninguém podia vender o *sarnambi* falado, e nem uma borrachazinha assim pra gente vender particular. Porque às vezes a gente queria comprar um alimento que ele [patrão] não levava quase, aí a gente tinha que fazer uma borrachinha pra gente vender pra estes *marreteiros*, pra trocar com bolacha, roupa. Trocava *sarnambi* com qualquer coisa. E tinha que ser escondido do patrão né. Se ele soubesse era o *cativo* que ele colocava pra fora. Era assim dona menina, e ele não pagava o que ele devia. Tirava saldo, mas tinha essas dificuldades (...) Ninguém podia pagar a conta e tinha que ser um outro ano, novamente, pra gente poder pagar a mesma conta que você tinha devido do ano passado. E enquanto não pagasse não deixava sair. *Era assim que era antes*. Quando chegava outubro, que era o tempo da gente sair, o produto que tivesse ele liberava. Só quem fazia este particular, quem vendia escondido é que ficava, é quem fazia esta virada. Quando era na época de verão, que era mês de junho, a gente já ia tirando a mercadoria pra pagar no seringal. E nessa época era assim. Nessa época existia muito pirarucu, matava muito, e a gente vendia pra outro patrão pra poder adquirir uma roupa, porque nem roupa não tinha... Tinha um patrão que comprava a borracha e outro que compra o peixe, que era o regatão que falavam antigamente. (Sr. J. F., Amaturá).

A violência cometida pelos patrões e as dificuldades de realizar o trabalho em certas áreas de seringais está associada à condição de cativo, de ser *cativo* do patrão. Aqui vemos como os termos utilizados pelos narradores para falar das condições de trabalho remetem à situação de camponeses que viveram situação de restrição de sua autonomia em relação ao uso do seu tempo e também do cesso aos produtos oriundos de seu trabalho na terra<sup>31</sup>. A fuga dessa condição de *cativo* está relacionada à existência de uma migração constante da mão-de-obra em busca de melhores condições de trabalho. Os seringueiros procuravam os seringais mais produtivos e menos *doentios*, e cujos patrões não fossem reconhecidos como violentos e exploradores.

Enquanto os seringalistas garantiram a estrutura necessária para manter os seringueiros trabalhando nas áreas mais distantes do barracão, longe das margens dos rios principais, eles puderam realizar a extração da borracha. Mas com o declínio do preço da borracha, alguns patrões ficaram sem capital para movimentar seus negócios e deixaram de fazer o transporte da produção extraída nos seringais mais distantes. Com isso, inviabilizaram a permanência dos cortadores que estavam nesses lugares.

“Quando dava começo de julho o patrão vinha de barco, subindo no rio Jacurapá, pra essa propriedade de nome *Cá Te Espero*. Todos os anos na época da safra ele fazia isso. Ele subia com o pessoal que trabalhava o mês de julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro. Em fevereiro ia pescar, caçar e arrumar *rancho*. Quando era fim de julho ele baixava, com a turma pra cá. Eles iam limpando a estrada

[de seringa] na faca de novo. Ele tinha trinta estradas de 90, 100, 140 árvores. Eu cortei desde 11 anos. Eu saí de lá com 22 anos. Terminei minha mocidade aí. Nós trabalhava, eu e essas duas irmãs. Eu cortava, no fim do mês nós entregava até 180, 120 quilos de borracha. O dinheiro era tudo pra ele. A casa aviadora aqui era do Antônio Mourão, era o fabricante. A gente fazia três entregas durante o verão. A mercadoria pra nós se manter lá no seringal nós trazia de barco. Era 6 dias carregando farinha, açúcar, sabão, querosene e leite. Aí quando eu tinha 17 anos, todo fim de safra tinha que levar pro casarão que o papai mandou endireitar pra colocar a farinha que sobrava. Às vezes sobrava 30, 40 sacos de farinha. Ele dizia “Se aparecer quem comprar, tu vende”. Naquele tempo não se via uma viva alma, aí ficava só eu e Deus, e mais ninguém. Se a cobra me mordesse, morria lá. Em 1957 nós paramos de tirar a borracha porque perdeu o valor. Ficou ruim de vender devido a muita falsificação na borracha. Aí ele vendeu o seringal, e seu José Alexandre, um português, comprou o seringal. E depois que acabou a borracha eu fiquei só na pesca de pirarucu e jacaré”. (Sr. O., São Paulo de Olivença).

O declínio da economia da borracha significou não apenas a decadência dos seringalistas e o abandono dos seringais. Também foi o fracasso dos seringueiros, cuja subsistência estava atrelada a quem garantia o funcionamento do sistema do seringal: o patrão. Quando este se retira, os seringueiros são obrigados a buscar outros locais para morar e outras fontes de renda. Muitos passaram a realizar outras atividades extrativas como a extração de madeira ou a pesca.

Os ex-seringueiros, ou seus descendentes, enfatizam as condições de vida e de trabalho no sistema do seringal; a exploração de sua força de trabalho e do seu corpo; as dificuldades de acesso aos seringais, realizando longas viagens de vários dias ou semanas, através da mata; a dificuldade de levar a produção até os barracões e retornar imediatamente para não perder um único dia de trabalho. Suas narrativas evidenciam uma concepção do tempo em que trabalharam no seringal sob o domínio dos seringalistas, como um tempo de cativo. É um tempo de doenças, de fome, de sofrimentos e onde a presença da morte é permanente, seja por ameaças de ataques de animais, seja pela violência cometida pelos patrões.

“Naquela época tudo era selvagem”: a visão dos descendentes dos seringalistas.

As famílias donas de seringais formavam um grupo social muito fechado, como se pode verificar pelas relações de parentesco que existiam entre eles e ainda persistem entre seus descendentes que, assim como os pais, controlam o poder político e econômico dos principais municípios do Alto Solimões. (ALENCAR, 2005). As ações de alguns seringalistas são usadas para estabelecer recortes temporais, periodizar os acontecimentos e situar os ouvintes na história da produção econômica e social da região, construindo “um patrimônio de saber compartilhado”. (ELIAS, 1998). Para seus descendentes, eles simbolizavam o desenvolvimento, a modernidade. Por meio deles o capital econômico internacional e o poder político do Estado alcançaram os lugares mais distantes da Amazônia.

O movimento era grande. Não é como hoje. Tinha porto de lenha em cada comunidade dessas. As pessoas depositavam a lenha nos portos para serem vendidas pros navios. E aquelas com menos condições tinham seu próprio portinho de lenha. O navio vinha trazendo a mercadoria do pessoal e depois embarcava a lenha. Daí esses patrões daqui do Solimões fornecia a mercadoria pro pessoal. E às vezes quando não dava de vir no barco, vinha em jangada. Eles [seringueiros], faziam

jangada de toras de madeira com uma casa em cima, colocava umas tábuas, aí vinha a borracha e outros produtos. Tinha um armazém desses comerciantes que abasteciam com o produto, e eles enchiam o armazém com seringa. Quando o barco chegava de Manaus trazia a mercadoria pra cá... Aí o patrão de Manaus vinha pra cá no final da safra da borracha pra fazer a prestação de conta. Aí levava o produto todinho... O dinheiro circulava pouco. As pessoas trabalhavam mais do que arrecadavam. E na época São Paulo ainda era Vila, não tinha uma rua calçada. Em 1980 ainda era vila e em 1881 passou a ser cidade. (Sr. A.T., São Paulo de Olivença)

“Tinha o Porto Mafra que era da minha família. O patrão lá era meu pai, Epitácio Mafra. Aí próximo a ele tinha o Quirino Mafra, de Vendaval, que era meu tio e era patrão lá em Vendaval. Também tinha o Antônio Roberto Almeida que era em Belém do Solimões. Ficava numa comunidade próxima Crajari, mais ou menos, não tenho bem certeza. Ele era um patrão grande também esse Antônio Roberto. Ele era Muller de Almeida, eu sei que ele tem parentesco com a gente, a família da mulher dele. O patrão mais forte que meu pai era o tio Quirino Mafra, de Vendaval. Ele chegou a ter navio que era muito grande. Agora, só meu pai teve 4 barcos, um maior e 3 menores”. (Sra. E. M. T., São Paulo de Olivença).

O envolvimento dos seringalistas com a vida política era decorrência das relações econômicas e das alianças políticas que estabeleciam com grandes empresários e agentes políticos sediados na capital Manaus. Mas também estava relacionado ao tipo de relação econômica que estabeleceram com os seringueiros, de dominação e de dependência, inclusive no momento destes exercerem sua cidadania.

Tinha outros que trabalhavam com política, a família Castelo Branco, Paulo C. B., Osvaldo Castelo Branco. Viajavam pra Manaus naqueles barcos bonitos. O Paulo sempre andava em um navio. Aqui também andava aqueles navios gaiolas, o gaiolão chamado. Tinha um chamado Alegria, tinha o Tavares Bastos, o Astronave. Eram muitos naquela época. Eram vários. Tinha a família de Weil que era de Santa Rita do Weil. Então essas famílias eram grandes produtoras de borracha. Eles moravam na Vila de Santa Rita. A família Müller e Weil era de lá de Santa Rita também. Eles eram grandes e fortes como os Castelo Branco, os Mafra, os Ramos. Frederico Ramos era um grande seringalista. Tinha aqui seu Frederico Han, também era um patrão na cidade, um forte madeireiro, trabalhava com uma produção enorme de extrativismo. Vinham assim muitos barcos rebocadores pra levar madeira daqui. Isso foi quando eu era criança”. (Sr. A.T., São Paulo de Olivença).

Essa família de Mafra, eu sei mais ou menos que ela veio de Portugal. Porque a família da mamãe é Oliveira, Oliveira é de Portugal né. A mamãe também me conta de uma avó dela francesa que também se assina com Mafra. Agora eu não sei se é portuguesa ou francesa minha família. Eu sei que eles foram muito *fortes* aqui. Acho que até a época do meu pai. Ele foi vereador, presidente da câmara. Foi o mais votado na época. Tinha também dois tios e avô. Era uma família importante aqui. Eles saíram de Vendaval e do Porto Mafra há mais de 20 anos. Deve ter sido no início de 1970. Saíram de lá porque os filhos foram crescendo e precisava dar uma qualidade melhor de vida para os filhos. Eu sei que quando nós viemos de lá, de Porto Mafra, eu tinha cinco anos. Eu tenho muita pouca lembrança do Porto Mafra. Sei que o papai chegou a ser vereador dos mais votados com 50% dos votos. (Sra. E. M. T., São Paulo de Olivença).

Os marcos temporais das memórias são estabelecidos pelos eventos sociais que caracterizam a vida desses diferentes sujeitos que vivenciaram “o tempo do seringal”. De um lado, esse tempo é caracterizado como sendo de prosperidade e de muita riqueza, que podia ser medida pelo volume da produção de borracha que era retirado dos seringais anualmente; pelo número de navios que os grandes seringalistas possuíam, pelo movimento dos pequenos barcos e dos grandes navios que percorriam o Solimões transportando mercadorias para abastecer as casa de comércio dos seringalistas e para recolher os produtos extraídos da floresta.

Naquela época tudo era selvagem. Lembro que meu pai passava 45 dias sem ir em casa, ficava viajando lá pro seringal. Não sei como ele conseguia e trazia aquele barco muito grande cheio de borracha. Ele fazia a venda para o seu Abdon, que era um comerciante que comprava a borracha e levava pra vender em Manaus. Tinha muita borracha aqui. O seringal dele ficava no Jandiatuba. Os cortadores ficavam lá direto nos seringais. Aí os seringalistas vinham de vez em quando ver como estava o trabalho, ver o que estava precisando. Traziam roupa e comida. (Sra. E.M.T., São Paulo de Olivença).

Aqui o Epitácio Mafra embarcava toneladas de borracha. A fonte milagrosa da produtividade aqui era a borracha. Então aqui se produzia muito, muito mesmo! Não dá nem pra fazer um cálculo de quanta seringa se tinha aqui nessa área! A produção era mais no Jandiatuba. Aliás tinha no Solimões. No Solimões havia 15 ou 50 seringais. O maior que tinha era do meu pai que queria vir pra cá também. O pessoal saía com muitas toneladas do Jandiatuba. Depois vinha o pessoal do Solimões... Um seringal grande era aquele que tinha muitas estradas de seringa. No Solimões tinha uns 30 seringueiros cada um tinha sua localidade, suas seringueiras pra cortar e colher o leite, depois trazer. No fim da semana voltava aqueles 30. [quando] O papai tava viajando no barco dele, eu ficava e tomava conta do comércio, o barracão chamado. Eu era garotão, recebia a borracha do Solimões todinha ia até uma hora da noite. Então vendia mercadoria pra eles voltarem pras estradas deles e continuar o corte. Cada um desses trazia uma ou no máximo duas bolas de borracha (de 90kg). Aí eles voltavam e já vinha outra turma do Jandiatuba numa distância de 2 meses ou então a gente ia levar o rancho lá pra eles, a mercadoria. Ou então já trazia naqueles batelões, que a gente chama, que são uns canoões. (Sr. A.T., São Paulo de Olivença).

As memórias partilhadas por aqueles que ocupavam uma posição de dominação projetam outras visões sobre esse tempo e os lugares, descrevem as viagens realizadas até as sedes do seringal a partir do deslumbramento, da aventura, do lúdico. Destacam a beleza das paisagens, dos rios, dos portos e a grandiosidade dos seringais, da estrutura dos barracões. Elas se contrapõem às memórias das viagens realizadas pelos seringueiros para realizar a extração da borracha, narradas sob a marca da dor, do cansaço, do sofrimento e ressentimento (POLLACK, 1989). Em nenhum momento há referência às condições de trabalho em que alguns seringalistas mantinham seus fregueses, o sistema de semiescravidão (ou cativo) ao qual os seringueiros estavam sujeitos, para que alcançassem um boa produção; ou sobre os atos de terror praticados contra eles.

“Uma vez meu pai me levou pra dar uma volta, eu e meu irmão. Ele falou assim: -“Vocês vão fazer uma viagem de presente”. Nós pensávamos que fosse pra Manaus. Quando a mamãe colocou a nossa roupa, aquela fazenda (tecido) de morim que é um tecido muito fino, eu estranhei. Então dois dias antes da viagem foi que ele disse que o passeio era pro Jandiatuba. Depois foi uma viagem maravilhosa, cada porto mais bonito que o outro. Tinha aquelas construções enormes, casa de fazer borracha dentro do mato, não tinha tanta abertura. A casa dos patrões

ficavam na beira do Solimões e os seringais era no Jandiatuba. (Sra. E. M. T., São Paulo de Olivença).

As contradições entre as memórias estão presentes também nas versões elaboradas para explicar o declínio do seringal, com a queda da produção da borracha e, consequentemente, da falência dos patrões. Para os ex-seringueiros a queda na produção da borracha estava associada à redução da procura por um produto que estava cheio de impurezas. Os descendentes de seringalistas atribuem ao governo estadual, o ex-governador Gilberto Mestrinho<sup>32</sup>, a responsabilidade pelo fracasso da indústria seringalista, pelas mudanças que levaram ao declínio da produção de seringa e, consequentemente, ao empobrecimento de suas famílias. Criticam o governador por não se posicionar contra a saída de sementes de seringa, para serem cultivadas na Ásia, cuja produção passou a competir com a produção brasileira.

## CONCLUSÕES

Nos primeiros estudos que analisaram as relações de trabalho nos seringais amazônicos, os seringueiros aparecem numa posição de submissão e invisibilidade histórica. Neste artigo, procuramos evidenciar as estratégias de resistência dos seringueiros, narradas por quem vivenciou - ou reproduz as experiências de antepassados - os fatos protagonizados por seus ancestrais, com o objetivo de deslocar esses sujeitos das margens, para a história; da dependência para a autonomia e resistência.

Ao apresentar fragmentos de suas memórias sobre um momento particular da história da borracha na Amazônia, contribui-se para tornar visível uma história oculta dessa região, ao se destacar as estratégias utilizadas pelos seringueiros para resistir ao domínio do patrão, seja através da fuga, da sabotagem ao adicionar impurezas ao látex extraído, para aumentar o peso do produto; ou estabelecendo alianças comerciais com os concorrentes dos patrões, os regatões. O artigo contribui para que a história dos seringais seja revisitada, à partir da leitura feita por indivíduos que relatam as experiências de sua agência e, dessa forma, contribuem para ampliar o entendimento sobre esse momento da história do Alto Solimões.

A percepção dos narradores, posicionados em lugares diferentes da hierarquia social, sobre esse momento da história social e econômica dessa região coincide quando tomam o seringal como centro da vida social e econômica. O tempo da extração da seringa aparece como marcador dos tempos sociais, da cronologia onde ancoram suas memórias. Ao mesmo tempo em que falam das condições de vida e de trabalho nos seringais, também contam a história social do lugar destacando as casas de comércio dos patrões, os barracões ou armazéns onde estocavam mercadorias e armazenavam a produção da borracha. Eles relacionam sua história de vida e formação da família, com a trajetória de alguns patrões, misturando biografia com fatos históricos.

As narrativas descrevem o modo de vida e as condições de trabalho nos seringais do Alto Solimões, a partir do olhar dos descendentes dos seringalistas e também de ex-seringueiros, daqueles que praticaram os lugares, que vivenciaram a dor e o sofrimento, seja de forma direta ou indireta, ao partilhar a dor de seus ancestrais. É o olhar de quem construiu trilhas na mata para extrair a sobrevivência diária abrindo as *estradas de seringa* em busca do *ouro negro*. É a versão da história a partir do olhar de quem continua a habitar as margens do rio Solimões, e que tece as memórias do lugar, e se posiciona com a autoridade de quem aprendeu a lidar com os imprevistos ambientais e econômicos,

condição necessária para garantir o sustento e dar continuidade aos projetos de vida. Esse olhar não coincide com o olhar do viajante eventual que passa, apressadamente, às margens dos rios, como o olhar dos filhos dos seringalistas ou dos viajantes fortuitos.

A percepção de seu lugar nesta sociedade remete a uma identidade social marcada, inicialmente, pelas noções de *cativo*, de sujeição e de dependência, sendo depois substituídas pela noção de *liberto*. Nesse sentido, a posição que determinadas categorias sociais encontrada no meio rural amazônico, historicamente marginalizadas e referidas de forma genérica como seringueiros, ocupavam no passado, pouco difere daquela ocupada no presente por seus descendentes.

## NOTAS

<sup>1</sup> Oliveira Filho (1979) criticou a construção dessa “história geral” da história da borracha na Amazônia, que pretende “chegar a uma forma comum, simplificada e esvaziada de características concretas que a produção gomífera apresentou em várias regiões da Amazônia” e que não consegue expressar a diversidade de situações que essa atividade configurou (1979, p. 102).

<sup>2</sup> Trata-se de uma categoria social que ficou associada a um tipo de economia baseada no extrativismo da borracha. É usada para referir às pessoas que detinham a propriedade de terras onde estavam as seringueiras; e que controlavam o poder político e econômico local. Eram financiados por grandes casas de comércio e bancos de crédito sediados nas cidades de Manaus e Belém, e por isso considerados como agentes que garantiram a internacionalização da economia da borracha na Amazônia.

<sup>3</sup> Termo genérico usado para referir às pessoas que trabalhavam na extração da borracha vegetal, migrantes oriundos da região Nordeste do Brasil, ou índios destribalizados.

<sup>4</sup> Cunha (1999, p. 13-15).

<sup>5</sup> Santos (1980); Weinstein (1983); Oliveira Filho (1988); Alegretti (1979); Meira (1992); Barbosa de Almeida (2004) [1999]; Carvalho (2013); Marinho (2013); Meira (2017); dentre outros.

<sup>6</sup> Trata-se da obra de Thaumaturgo de Azevedo (*Relatório do Primeiro Semestre de 1906. Prefeitura do Alto Jurúá*). Imprensa Nacional, Rio de Janeiro (1906), citado por Franco (2008, p. 45).

<sup>7</sup> O Alto Solimões compreende a Microrregião Homogênea – 3, e é formada pelos municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Atalaia do Norte, Santo Antônio do Içá, Amaturá e Tonantins (IBGE, 2010).

<sup>8</sup> As narrativas foram coletadas junto a moradores de Amaturá, Tabatinga e São Paulo de Olivença, durante a pesquisa de campo de cunho etnográfico e etno-histórico, como parte das atividades do projeto de pesquisa “*Diversidade socioambiental da várzea do Amazonas – Solimões, perspectivas para o desenvolvimento sustentável*” desenvolvida para o PróVárzea. (ALENCAR, 2004, 2005).

<sup>9</sup> Oliveira Filho define situação histórica como “um instrumento para o estudo da mudança social” que se contrapõe “ao esforço historicista em buscar origens e impor continuidades e heranças”. Essa noção “serve como um referencial analítico para recorte e seleção de dados visando o estudo comparativo da mudança social”. (1988, p. 60-61).

<sup>10</sup> Oliveira Filho propõe dois modelos para uma periodização da economia centrada na exploração da borracha, e estabelecer diferenças no modo de funcionamento do seringal: a) modelo caboclo, que situa ao início da extração comercial do látex nos vales dos rios amazônicos e usa a mão-de-obra da população nativa; essa produção estava articulada com atividades agrícolas; e b) modelo do apogeu, que estava voltada exclusivamente para a extração do látex e que vai além das fronteiras do mercado; usa mão-

-de-obra importada, como os migrantes de origem nordestina. (OLIVEIRA FILHO, 1979, p. 126).

<sup>11</sup> Na luta contra “aqueles que querem extrair deles o trabalho, o alimento, os impostos, os alugueis e os lucros” os camponeses usam “as armas comuns dos grupos relativamente sem poder: fazer “corpo mole”, a dissimulação, a submissão falsa, os saques, os incêndios premeditados, a ignorância fingida, a fofoca, a sabotagem e outras armas dessa natureza [...] Entender essas formas comuns de luta é entender o que muitos dos camponeses fazem nos períodos entre as revoltas para melhor defender seus interesses”. (2002, p. 11-12).

<sup>12</sup> Comerciantes itinerantes que praticavam o comércio fundado na troca de produtos extrativos por mercadorias, e supria as demandas de consumo dos seringueiros que não eram atendidas pelos seringalistas aos quais estavam vinculados. A relação entre regatões e seringalistas era tensa, pois alguns seringueiros conseguiam burlar o controle dos seringalistas vendendo a produção a esses comerciantes.

<sup>13</sup> Contudo, essas práticas de resistência eram difundidas em vários seringais, o que aponta para a existência de uma intensa rede de comunicação e troca de informação que se estabelecia nos confins da fronteira amazônica, que falavam sobre seringais onde havia muitas doenças ou padrões violentos, e ajudava os extratores a tomar decisões quando tinham a oportunidade de escapar de um seringal.

<sup>14</sup> Esse movimento resultou na criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, em 1990. Sobre esse processo ver Almeida (1994), Alegretti (1979) e Franco (2000).

<sup>15</sup> Estudo realizado por Meira no Alto Rio Negro (2017) demonstra que as memórias conservadas por indígenas e seus descendentes sobre as relações de trabalho que caracterizaram o sistema do aviamento “embora sejam relatos individuais, memórias coletivas e culturais, construídas pela forma como esses sujeitos operam a interpretação de suas ações, de suas temporalidades, e de suas mobilidades espaciais no território, a partir das ‘circunstâncias de lembrança do presente’, apontam para “um ‘trabalho’ de rememoração interpretativo de suas trajetórias passadas, profundamente associadas ao aviamento, mas também são recordações situadas no ‘presente’, o tempo ‘apropriado’ para lembrar [...]. Nesse cruzamento de lembranças fragmentárias, opera-se uma elaboração das memórias indígenas do aviamento que, embora traumáticas, funcionam como um dos mecanismos de afirmação de novos direitos, e também como uma via de possível ruptura e transformação da condição colonial a eles imposta”. (2017, p. 274).

<sup>16</sup> Aspectos semelhantes foram relatados por Meira (2017) para os seringais da região do Alto Rio Negro, AM.

<sup>17</sup> Para mais informações sobre a situação fundiária dessa região no início do século XX remeto ao trabalho de Oliveira Filho (1979).

<sup>18</sup> Ver Oliveira Filho (1979).

<sup>19</sup> Segundo Woortmann (1998) nos seringais do Acre uma estratégia usada pelos seringalistas para controlar os seringueiros maximizar a produção, era colocar “seus jagunços em pontos estratégicos para “fechar a boca do rio” e evitar fugas ou rebeliões nas colocações, ou para evitar a subidas de regatões não autorizados”. (1998, p. 171).

<sup>20</sup> Nome dos locais de residência dos seringueiros que consistia da casa de morada, e outra onde realizavam a defumação do látex e o preparo das bolas de borracha. Uma colocação compreendia as casas, as estradas de seringa, que são os caminhos que cada seringueiro abria na mata que interligava as árvores de seringas que diariamente realizava a extração do látex. Ver Almeida (1990), Franco (2000) e Ribeiro (1990).

<sup>21</sup> De acordo com Meira (2017), “o sistema de aviamento constituiu-se na Amazônia como um modelo que implica a formação de uma cadeia de escambo entre, de um lado, comerciantes/patrões e, de outro, produtores/fregueses, ambos situados, respectivamente, como elos de uma corrente, entre dois polos sociopolíticos hierárquicos, marcados por relações de dominação e dependência em função da dívida estabelecida” (2017, p. 35).

<sup>22</sup> O plantio de roças com culturas de subsistência para consumo próprio, como a man-

dioca, pode ser comparado com a situação de negros escravos das fazendas de café que realizavam cultivos de subsistência para alimentação ou mesmo para comercialização, e que Ciro F. Cardoso (1987) chamou de “brecha camponesa”. No caso dos seringueiros o cultivo de roças era a condição para que permanecessem na floresta por vários meses, sem depender do patrão, e deixa evidente o desejo de ter acesso a atividades de subsistência.

<sup>23</sup> Entrevista realizada em agosto de 2003 em sua residência, cidade de Amaturá, estado do Amazonas.

<sup>24</sup> Algumas dessas atividades eram desenvolvidas por mulheres, como o cultivo de roças e hortas, cuja presença e o papel que desempenham no processo de constituição dos seringais e de tipo de sociedade que resulta dessa situação social têm sido pouco estudados. Um estudo pioneiro desenvolvido por Wolff (1999) procurou dar visibilidade às relações de gênero e ao papel das mulheres na vida social, política e econômica dos seringais. A autora procura identificar os “papéis normativos, formais, das mulheres dos seringais acreanos”, e também as “situações atípicas, os papéis informais, o insólito” vividas pelas mulheres (1999, p. 23-25). Algumas realizavam o corte da seringa, deixando evidente sua condição de agente econômico, e não apenas seu papel de “mulher de seringueiro”. A análise de Wolff se volta também para o grupo familiar, que considera como sendo “a unidade de convivência, de produção, de solidariedade, de sobrevivência”, onde também se observa a existência de situações de “conflitos, jogos de poder, violência e dominação”, características do contexto mais abrangente do sistema do seringal. Sobre a presença das mulheres nos seringais ver também Simonian (1995), Woortmann (1998) e Brito (2017).

<sup>25</sup> Em estudo realizado no Alto Rio Negro sobre as relações entre índios e comerciantes na atividade extrativa da borracha Marcio Meira (2017) mostra como naquela região os padrões eram também agentes do Estado, como SPI, ex-militares, e burocratas municipais (p. 11). Ver também Wagley (1988) sobre o extrativismo da borracha no Baixo Amazonas; Franco (2005) sobre o Juruá; e Weinstein (1983) que analisa a economia da borracha na Amazônia a partir da realidade de várias regiões dos vales de rios como Juruá, Purus, Tapajós, Amazonas e região da Ilha de Marajó; Ribeiro (1990) sobre a indústria extrativa da borracha na Amazônia.

<sup>26</sup> M. Taussig (1993) ao analisar o modo como ocorreu a exploração da borracha na região do rio Putumayo, Colômbia, identificou a prevalência do que denominou de “cultura do terror”. Tal cultura foi reproduzida em várias regiões da Amazônia, como mostram outros autores Meira (1992, 2017); Wolff (1999); Franco (2000); Alencar (2009); Marinho (2013), dentre outros.

<sup>27</sup> Segundo Meira (2017), “As relações de trabalho sob o regime de aviamento, e a “cultura” que ele representa, têm ainda hoje uma presença marcante nas memórias dos indivíduos e de suas famílias localizadas na tríplice fronteira do Brasil, da Colômbia e da Venezuela. No dia-a-dia dos povos indígenas do rio Negro, elas significam uma “catástrofe” que ainda perdura na expressão de memórias traumáticas. Mas também carregam uma perspectiva de “libertação”, não apenas do sistema de aviamento que se mantém até hoje, mas também dos “traumas” do passado, sofridos ainda no presente, quando rememorados” (2017 p. 277). Ver também Alencar (2009); Carvalho (2013).

<sup>28</sup> Análise realizada por Meira a partir de uma situação histórica do Alto Rio Negro (2017) mostra que “o sistema de aviamento se constituiu na Amazônia como um modelo que implica a formação de uma cadeia de escambo entre, de um lado, comerciantes/patrões e, de outro, produtores/fregueses, ambos situados, respectivamente, como elos de uma corrente, entre dois polos sociopolíticos hierárquicos, marcados por relações de dominação e dependência em função da dívida estabelecida” (2017, p. 35).

<sup>29</sup> Após a coleta do leite da seringa os seringueiros faziam a defumação para acelerar a coagulação. O leite era despejado sobre um pedaço de madeira, que era colocado sobre uma fogueira, onde o calor acelerava a coagulação. Faziam girar a madeira para o leite se espalhar e ao endurecer ia formando uma bola ovalada, também chamada de *pêla*, que pesava até 40 quilos.

<sup>30</sup> Comerciante de pequeno porte que usava os barcos como uma casa de comércio flutuante, e percorria as regiões mais distantes para vender mercadorias e receber como



pagamento produtos extrativos diversos. Eles estavam inseridos numa intrincada rede de trocas comerciais, como destacado por Meira (2017).

<sup>31</sup> A categoria “cativeiro” foi muito utilizada nos estudos sobre campesinato no Brasil nos anos 1970 e não se restringiu aos moradores dos engenhos de cana do nordeste, sendo encontrada em estudos realizados na Amazônia. Dentre os autores que discutem esta categoria, estão Otávio Velho (1972 e 1976); Moacir Palmeira (1977) Garcia Júnior (1975); Leite Lopes (1976); Martins (1979), etc.

<sup>32</sup> Gilberto Mestrinho foi governador do Amazonas em três mandatos. O primeiro em 1959, o segundo em 1991, e o terceiro em 1983.

## REFERÊNCIAS

- ALEGRETTI, Mary H. *Os Seringueiros: estudo de caso em um seringal nativo do Acre*. 1979. Dissertação de Mestrado - Departamento de Antropologia da UNB.
- ALMEIDA, Mauro William B. de. “Direitos à Floresta e Ambientalismo: os seringueiros e suas lutas”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 35-52, 2004 [1999].
- ALMEIDA, Mauro William B. de. “As colocações como formação social, sistema tecnológico e unidade de recursos naturais”. In: *Terra Indígena*, n. 54, p. 29-39, 1990.
- ALENCAR, Edna F. “Políticas públicas e (in)sustentabilidade social: o caso de comunidades da várzea no Alto Solimões, Amazonas”. In: *Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade*. Org. Lima, Deborah. Manaus: Ibama, ProVárzea, p. 59-100, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Terra caída: encanto, lugares e identidades*. Brasília, 2002. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia. 245 p.
- \_\_\_\_\_. “O tempo dos padrões ‘brabos’: fragmentos da história da ocupação humana da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã”. *Amazônica - Revista de Antropologia*, v. 1/01, p. 178-199, 2009.
- AZEVEDO, Thaumaturgo de., *Relatório do Primeiro Semestre de 1906*. Prefeitura do Alto Juruá. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1906.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática – procedido de três estudos sobre etnologia cabila*. Oeiras: Celta, 2002.
- BRITO, Alda L. *Mulheres no Seringal: experiência, trabalho e muitas histórias (1940-1950)*. Dissertação de Mestrado. UFF. Rio de Janeiro, 2017, 139 p.
- CARDOSO, Ciro F. “A brecha camponesa no sistema escravista”. In: *Camponeses Brasileiros: leituras e interpretações clássicas*, v.1/ (Org.) WELCH, Clifford A., MALAGODI, Edgard; CAVALCANTI, Josefa S. B.; WANDERLEY, Maria de Nazareth B, São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, p. 97-115, 2009.
- CARDOSO, Roberto de Oliveira. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Biblioteca Pioneira. 1976.
- CARVALHO, Luciana G. *Relações de trabalho nos balatais do Pará*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 373-400, jan./jun. 2013.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Oeiras, PT, Celta Editora, 1999, 119 p.

- CUNHA, Olivia M. G. da. “Tempo imperfeito: uma etnografia no arquivo”. Rio de Janeiro, CONTRACAPA. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 10, n. 2, p. 287-322, 2004.
- CUNHA, Euclides da. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.
- FRANCO, Mariana P. *Os Milton: cem anos de história familiar nos seringais*. Rio Branco: EDUFAC, 2008.
- GARCIA, Afrânio Raul Jr. *O Sul: caminho do roçado. Estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo: Editora Marco Zero e Editora UNB/MCT-CNPq, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.
- LIMA, Deborah. *Diversidade socioambiental nas várzeas dos rios Amazonas e Solimões: perspectivas para o desenvolvimento da sustentabilidade*. Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.
- LIMA, Deborah de M. & Alencar, Edna F. “Histórico da Ocupação Humana e Mobilidade Geográfica de Assentamentos na Várzea do Médio Solimões”. In: Haroldo Torres e Heloisa Monteiro (eds.), *Populações e Meio Ambiente*. Brasília: SENAC & ABEP, p. 133-161, 2000.
- LEITE, J.S Lopes. *O vapor do diabo: o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LOWENTHAL, David. *El pasado es un país extraño*. Madri: Akal, 1998.
- MARINHO, José Lino do N., *SERINGUEIROS DO MÉDIO SOLIMÕES: fragmentos e memórias de vida e trabalho*. Dissertação Mestrado - Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM. Manaus, 2013.
- MARTINS, José de Souza. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- MEIRA, Marcio A. F de., *A persistência do aviamento: colonialismo e história indígena no noroeste amazônico*. Tese de Doutorado. PPG em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017, 322 p.
- MEIRA, Marcio A. F. de. “O tempo dos Patrões: Extrativismo, Comerciantes e História Indígena no Noroeste da Amazônia”. Belém, Cadernos Ciências Humanas - Museu Emilio Goeldi, n. 2, 1992.
- OLIVEIRA, João P. Filho “O caboclo e o brabo – Notas sobre duas modalidades de força de trabalho da fronteira amazônica do século XX”. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 11, 1979.
- PALMEIRA, Moacir. “Casa e trabalho: notas sobre as relações sociais na plantation tradicional”. *Contraponto*, n. 2, p. 103-114, dez. 1977.
- POLLACK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. p. 3-15, 1989.
- RIBEIRO, Berta G. *Amazônia Urgente: 5 séculos de história e ecologia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990.
- SANTOS, Roberto. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.
- SCOTT, James C. “Formas cotidianas de resistência camponesa”. *Revista Raízes* 21, n. 1, jan-jun. 2002.
- SIMONIAN, Ligia T. L. Mulheres seringueiras na Amazônia brasileira. Uma vida de trabalho silenciado. IN: Alvares, M. L. M, e D’Incao, M. A. (Org.). *A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM/Museu Goeldi/CNPq, p. 97-115, 1995.

- STRATHERN, Marilyn. *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaios*. São Paulo: Cosac & Naif, 2014 [1980].
- TAUSSIG, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- THOMSON, Alistair. “Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias”. In: *Projeto, História*. São Paulo, PUC/SP, n. 15, abr. 1997.
- THOMSON, Alistair; Frisch, Michael e Hamilton, Paula. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In: *Usos & Abusos da história oral*. Coord. Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas. p. 65-92, 1996.
- VELHO, Otavio G. *Frente de expansão e estrutura agrária*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo: Difel, 1976.
- WAGLEY, Charles. *Uma comunidade Amazônica, estudo do homem nos trópicos*. Belo Horizonte: Ed. Villa Rica, 1988.
- WEINSTEIN, Barbara. *The Amazon Rubber Boom*. Stanford: Stanford University Press. 1983.
- WOLFF, Cristina Scheibe. Marias, Franciscas e Raimundas: uma história das mulheres da floresta. Alto Juruá, Acre (1870-1945). Tese de Doutorado – PPGHS-USP. São Paulo, São Paulo, 1998. 284 p.
- WOORTMAN, Ellen F. “Família, mulher e meio ambiente no seringal”. In: Niemayer, Ana M; de Godoi, Emilia Pietrafesa (Org.): *Além dos territórios: por uma troca entre etnologia indígena*. São Paulo: Mercado das Letras. p. 1-50, 1998.